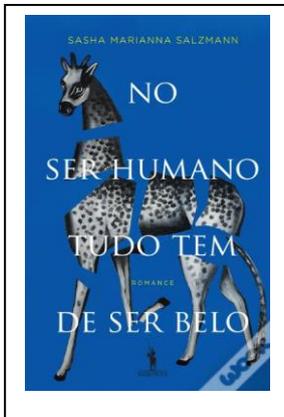


**[No ser humano tudo tem de ser belo]
[Sasha Marianna Salzmann]****[Sasha Marianna Salzmann] Biografia:**

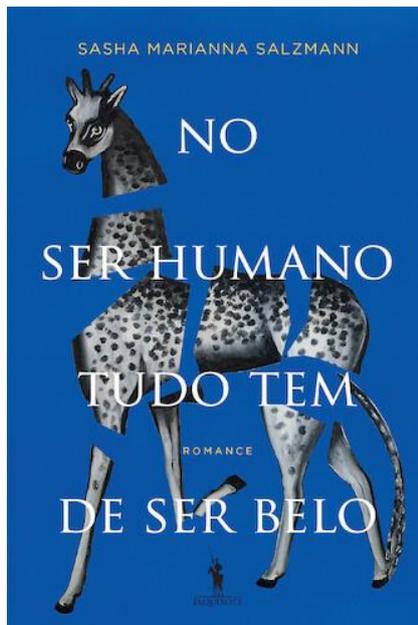
Sasha Marianna Salzmann é ensaísta e escreve para teatro, dedicando-se também à encenação. As suas peças têm sido representadas em diversos países e foram distinguidas com o Prémio Artístico de Berlim (Kunstpreis Berlin 2020). O seu romance de estreia, *Fora de Si* – cuja versão portuguesa foi galardoada com o Grande Prémio de Tradução Literária – recebeu em 2017 o prémio literário da Fundação Jürgen Ponto, bem como o Prémio Mara Cassens, que distingue romances de estreia. Além disso, integrou nesse mesmo ano a shortlist do Prémio do Livro Alemão e foi, entretanto, traduzido em dezasseis línguas. O romance *No Ser Humano Tudo Tem de Ser Belo* foi também nomeado para o Prémio do Livro Alemão e venceu o Prémio Hermann Hesse em 2022. Salzmann recebeu no mesmo ano o Prémio das Casas da Literatura.

Sinopse de [No ser humano tudo tem de ser belo]

Como se pode ser «belo» — «o rosto, a alma, a roupa, os pensamentos», como diz Tchekov — num país onde reina a repressão e só quem se submete a um regime restritivo consegue sobreviver? E como poderá esta experiência ser superada quando quem a sofreu não fala dela, nem mesmo depois de emigrar para o Ocidente, nem mesmo com a própria filha? Em meados dos anos noventa, Lena e Tatiana abandonaram a Ucrânia - uma grávida, outra com a filha pequena - e foram viver para a Alemanha, onde tiveram de começar do zero. Mas Nina e Edi, as raparigas que há muito deixaram de se interessar pelas suas origens, não deixam de perguntar-se o que verão as mães, com o seu olhar soviético, quando espreitam pelas cortinas das casas onde hoje vivem. Porém, quando se juntam para a festa do 50.º aniversário de Lena, serão forçadas a admitir que, afinal, partilham uma história comum. Seguindo o percurso de quatro vidas e os vínculos sempre frágeis entre mães e filhas, Sasha Marianna Salzmann relata-nos uma época de mudanças radicais na Ucrânia numa narrativa com imagens poderosas, repleta de empatia e realismo.

No ser humano tudo tem de ser belo, de Sasha Marianna Salzmann

Patrícia (Blog Ler por aí, ago.2023)



Nem sei bem porque é que este livro me chamou a atenção (li sobre ele no Público, onde leio sobre tantos outros que não se destacam) mas a verdade é que assim que pude comecei a lê-lo. Como habitualmente parti para a leitura sem saber quase nada sobre ele e ainda bem. Gosto de ser surpreendida, gosto de ir descobrindo o que a escritora me quer dizer sem preconceitos. E foi uma bela leitura. Achei falta de um final mas gostei bastante de o ler.

Neste "No ser humano tudo tem de ser belo" conhecemos 4 mulheres, todas bastante interessantes, ao mesmo tempo que conhecemos, pelos seus olhos, o contexto do país onde vivem (ou onde viveram). Lena e Edi; Tatiana e Nina. Quando o livro começa percebemos imediatamente que entre estas mulheres há amor e há desencontros. E esta história é acima de tudo sobre a relação entre elas, mães e filhas, amigas, mulheres.

Boa parte do livro conta-nos as histórias de Lena e Tatiana, a sua infância na União Soviética, o seu crescimento e educação, a sua transformação em mulheres e mães e o caminho que as conduziu até à Alemanha, as levou para longe da sua terra Natal, a Ucrânia. Depois conhecemos as filhas, Edi e Nina, que lutam por conhecer as mães e a herança cultural que lhes é imposta ao mesmo tempo que lutam para ter uma identidade própria.

Eis um livro com 3 dimensões. Por um lado é inevitável ler com interesse toda a parte sobre a União Soviética em geral e a Ucrânia em particular. Não há propriamente grandes novidades nestas descrições mas é sempre importante lembrar o que foi (o que é) viver em regimes não democráticos, no quão fácil é deixarmo-nos levar e aceitar a distorção da realidade que está na base de tantos regimes por esse mundo fora (e tantas vezes bem mais perto do que queremos acreditar).

A adaptação a um novo mundo, a necessidade de criar raízes num novo país (e num tão diferente culturalmente), deve ser brutal. A solidão, a desesperança e o sentimento de injustiça são poderosos e têm o poder de traumatizar, diminuir ou engrandecer. Qual é a melhor maneira de sobreviver? Para Lena e Tatiana, deixar o passado lá atrás (mas inevitavelmente também dentro de si) e seguir para o futuro em silêncio, num acto de aceitação em comunidade.

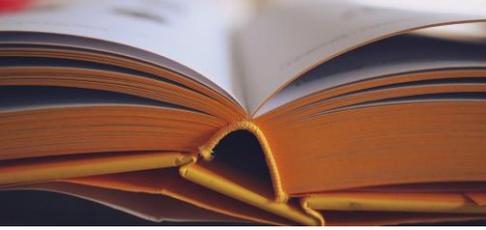
A relação entre filhas e mães é quase sempre difícil mas quando há mais silêncios que palavras, o amor pode não ser o suficiente.

ENTREVISTA COM SASHA MARIANNA SALZMANN

Sasha Marianna Salzmann é dramaturga, romancista, curadora e diretora. Foram cofundadores da revista de cultura *freitext* e diretores artísticos do palco experimental STUDIO Я. Salzmann também foi cofundador do NIDS – New Institute for Drama, onde ministraram workshops sobre redação política. Seu trabalho teatral é traduzido, exibido e premiado em mais de 20 países. Seus ensaios aparecem em jornais como Sueddeutsche Zeitung, Frankfurter Allgemeine Zeitung e Neue Züricher Zeitung. Em 2017, Salzmann terminou seu primeiro romance, *Beside Myself*, que foi traduzido para 16 idiomas e ganhou dois importantes prêmios alemães de melhor romance de estreia. *Beside Myself* estava na lista de finalistas do Prêmio Alemão do Livro, do Premio Strega Europeo e do Prêmio de Literatura da Europa Central ANGELUS. Em 2020, Sasha Marianna Salzmann foi a vencedora do Prêmio de Arte na categoria artes performativas da Akademie der Künste. Em 2021, seu segundo romance, *Im Menschen muss alles herrlich sein (Gente Gloriosa)*, foi indicado ao Prêmio Alemão do Livro e ganhou o Preis der Literaturhäuser e o Prêmio Hermann Hesse de Literatura em 2022. Em 2023, o ensaio de Salzmann “A Grande Fome e o Longo Silêncio” foi selecionado para o Prêmio de Literatura WORTMELDUNGEN.



Você nasceu em Volgogrado, mas mudou-se para a Alemanha quando era criança. Como você navega pelas complexidades desses diferentes contextos culturais em sua escrita? O que você acha do conceito de “lar” em relação à identidade cultural e como sua própria experiência pessoal moldou sua compreensão desse termo?



Viver em culturas diferentes sempre foi a coisa mais normal para mim, mesmo antes de minha família migrar para a Alemanha. Cresci com a sensação de ser uma minoria (judia) num mundo complexo de outras minorias coexistindo entre si (na antiga União Soviética). Sempre estive rodeado de diferentes línguas, diferentes cozinhas, certamente opiniões muito diversas sobre como a vida poderia ou deveria ser. Tem sido um lugar muito produtivo para trabalhar, artística e espiritualmente.

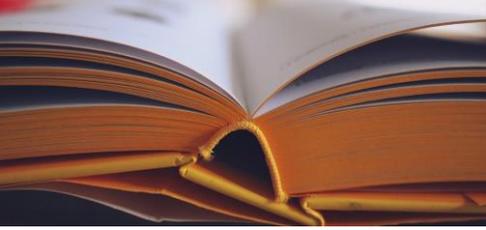
Quando “Casa” é entendido como a “condição irrevogável” de que Baldwin falou, não tenho muito a dizer sobre isso – o país onde nasci não existe mais. A minha língua materna, o russo, é uma língua imperial que representa uma guerra sangrenta neste momento. Nunca senti falta de Moscou, onde cresci. Tenho lembranças horríveis. Mas se “Casa” é o conjunto de todos os diferentes aspectos de nós mesmos, todas as inspirações, restrições, relações, rituais (como diz Taiye Selasi), estou em casa, em Berlim e Istambul, sou membro da família de uma enorme diversidade familiar escolhida espalhada por todo o mundo. De onde venho é fácil responder: venho do teatro e dos livros. Eles me criaram.

Como você vivenciou a transição da dramaturgia para a escrita de romances? O que fez você querer se aprofundar na escrita de ficção e como o processo (e talvez também a recepção) difere de um meio para outro? Como você distingue qual forma um texto específico precisa assumir?

Para ser sincera, não escolhi a transição, ela me escolheu. Não sentei e fiz a escolha. Fui cineasta durante 17 anos, isso foi metade da minha vida, quando comecei a escrever prosa, tinha 34 anos. Eu me entendia como um homo theatricus. Vim para Istambul, apaixonei-me pela cidade, sentei-me para escrever – e era prosa. Para mim, escrever romances é uma disciplina diferente da dramaturgia. Inteiramente! E eu gostaria de poder decidir antes de sentar o que vai ser, mas não é assim que o processo é para mim. Os temas, ou melhor, meus personagens decidem isso por mim. Para ser sincera, agora gosto mais de prosa. Descrever rostos, sentidos, o entorno – não se faz isso em dramaturgia, aí “só” se tem fala direta. Eu adorava isso, agora acho que adoro me perder na beleza das palavras e em seu ritmo.

Você poderia falar um pouco sobre seu trabalho no Studio Я do Teatro Maxim Gorki, onde foi diretor artístico de 2013 a 2015? Como é que este período influenciou o seu trabalho e pensamento e quais foram algumas das principais lições que reconhece da perspectiva de hoje?

Recebi a oferta de ser diretor artístico do pequeno palco do Teatro Maxim Gorki (tem dois palcos) e felizmente não sabia ao que eu disse sim. Os diretores artísticos da casa grande me disseram: vocês sempre falam sobre como a representação precisa de um espaço real, onde as pessoas possam se encontrar, experimentar e atuar. Então: aqui está, pegue. O Studio Я acabou sendo uma das experiências mais influentes da minha vida até agora. Foi mais do que um palco de teatro experimental. Tornou-se um espaço comunitário. Comemoramos Nowruz, Channukah, o Dia Internacional dos Ciganos. Todos os anos lamentamos juntos a morte de Hrant Dink. A representação de pessoas trans e queer era única no teatro estatal alemão. E quando os refugiados que procuravam abrigo em Berlim foram expulsos das casas que ocupavam, alguns deles ficaram no Studio Я. Porque eles sabiam que estavam seguros lá. Este lugar mudou todos nós. E, no final, contribuiu para a mudança que está em curso nos teatros estatais na Alemanha até hoje.



Tanto “Beside Myself” como “Im Mensch muss alles herrlich sein” giram em torno de temas de desenraizamento, migração, formação de identidade e comunicação intergeracional e das dificuldades em abordar histórias dolorosas e não processadas. Como esse arco de história se relaciona com a história de sua própria família?

“Beside Myself” é um romance de autoficção. Não planejei escrever sobre minha família e, no final, não tenho certeza se o fiz. Acho que seria justo dizer que usei todas as coordenadas geográficas do mapa familiar e depois liguei os pontos inventando histórias. Não tive a intenção de escrever uma história de família judaica, queria falar sobre fluidez. Sobre como as possibilidades de se tornar o que você é mudam de uma geração para outra dependendo das circunstâncias em que você se encontra: Se houver uma guerra, você terá que fugir. Se você é judeu, se é gay, se não se conforma com o gênero, etc. O que você pode viver e expressar depende sempre de onde você está neste momento específico da história humana. “Beside Myself” inclui quatro idiomas (alemão, russo, turco, inglês) e retrata vidas em diferentes países. Brinca com a gramática, com os pronomes. É um livro estranho. “Glorious People” (“Im Menschen muss alles herrlich sein”) é exatamente o oposto. Retrata um regime muito rígido nas últimas décadas da União Soviética. Acontece na Ucrânia nos anos 70, 80, 90. Está escrito em apenas um idioma (alemão). Mostra a dureza do regime soviético na linguagem e na forma como as pessoas lidam umas com as outras (e consigo mesmas).

Meus avós e bisavós são da Ucrânia, mas nada do que escrevi em meu segundo romance é a história deles. Queria retratar mulheres do Leste da Ucrânia. Fiz muitas entrevistas. O livro é inspirado em suas histórias de vida.

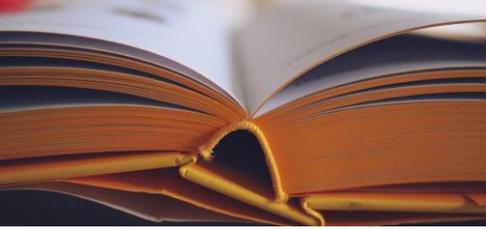
O que você acha que precisa mudar na indústria editorial para criar um cenário literário mais equitativo e inclusivo? Como podemos garantir que diversas vozes tenham oportunidades iguais para contar as suas histórias?

Tenho a sensação de que a indústria sabe exatamente o que precisa de mudar e acredito que, em parte, isso já está a acontecer. E se isso não estiver acontecendo, essa mudança será deliberadamente impedida de acontecer. Quando olhamos para as lutas na esfera cultural, elas sempre foram mais ou menos iguais. Nada mudará realmente se não colocarmos um número significativo de pessoas com experiências marginalizadas em cargos executivos.

Cabe a cada um de nós descobrir se está pronto para compartilhar seus recursos. Para muitos de nós na indústria, isso significaria ter menos atenção, menos poder, no final das contas: menos dinheiro. Não estou muito otimista de que a maioria queira isso.

Quais são seus planos para sua residência em Nova York?

Leitura. Fazer caminhadas e ler. Talvez para escrever um pouco. Já comecei um pequeno pedaço.



Entrevista com a dramaturga e romancista Sasha Marianna Salzmann

A armadilha do século

[Qantara, 2019]

Selecionada para o Prémio Alemão do Livro de 2017 com seu romance de estreia “Ausser Sich”, a dramaturga e romancista Sasha-Marianna Salzmann discute a sensação de fluxo – na linguagem, no género e nas nações – que domina a existência contemporânea e como o passado continua vivo. Entrevista por Noha Abdelrassoul

"O tempo passa e passa. Ele passa para trás e para frente e leva-nos, e ninguém no mundo inteiro sabe mais sobre o tempo do que isto: ele está a transportar-nos através de um elemento que não entendemos até um elemento que entenderemos. Não me lembro. No entanto, algo lembra – pode-se até dizer que algo vinga: a armadilha do nosso século e o assunto que agora temos diante de nós.

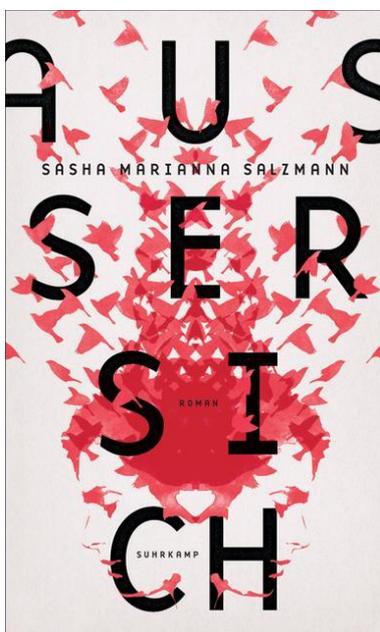
Você cita o escritor americano James Baldwin na epígrafe do seu romance. Como é que “a armadilha do século” se relaciona com o seu romance?

Sasha-Marianna Salzmann: Pecamos e teremos que pagar por isso. O passado nunca acaba: ele vive em todos nós. Esta é a ideia central do meu romance "Ausser Sich" (*Beside Yourself*). Acredito que carregamos dentro de nós mais do que apenas a história da nossa família – os acontecimentos históricos também deixam a sua marca em nós. E ambos, é claro, estão inseparavelmente ligados.

Certos eventos repetem-se no romance. Essa forma de contar a história reforça a ideia de que o passado vive dentro de nós?

Salzmann: Esses eventos recorrentes repercutem no romance. Muitas coisas determinam as nossas ações; coisas que não podemos compreender. Nossos corpos armazenam informações que simplesmente não conseguimos compreender intelectualmente. Meus personagens sofrem por causa de eventos dos quais nem estiveram presentes, dos quais não conseguem se lembrar de ter acontecido ou dos quais não podem ter certeza de que aconteceram da maneira como se lembram deles. Minha protagonista Ali foge dizendo: "Não tenho gênero, não tenho língua, não tenho família". Mas algo está lhe causando uma dor terrível. Ali é forçada a enfrentar essa pessoa desconhecida dentro dela. Caso contrário não haverá futuro para ele/ela.

Outro evento passado do romance que tem essa qualidade reverberatória é a Shoah. Mas você fez uma escolha deliberada de não ter isso como foco principal do romance.



Quando o passado alcança: "muitas coisas determinam nossas ações; coisas que não podemos compreender. Nossos corpos armazenam informações que simplesmente não podemos entender intelectualmente. Meus personagens sofrem por causa de eventos nos quais eles nem estavam presentes, dos quais não conseguem se lembrar de ter acontecido, ou que não podem ter certeza do que aconteceu da maneira como se lembram", explica Salzmann

Salzmann: É uma armadilha que a maioria das coisas judaicas estejam geralmente ligadas à Shoah. É impossível imaginar a identidade judaica hoje sem a Shoah.

Há alguns anos, meu colega Max Czollek e eu temos trabalhado no desenvolvimento de um conceito de desintegração que tenta romper com noções estereotipadas de "judeu", como alguém que saltava para frente e para trás como uma bola de pingue-pongue entre o anti-semitismo, Israel e a Shoah. .

Estas três coisas têm apenas uma relevância limitada para a identidade judaica no século XXI. Os temas do meu romance são muito diferentes.

Ali tem simpatias esquerdistas e fala sobre a "Palestina" – mas cerca de uma época antes de 1948. A mãe mais tarde refere-se a ela como "Israel" – você quis sugerir esse debate?

Salzmann: Isto é bastante semelhante ao tratamento dado à Shoah. Os judeus são continuamente confrontados com tais coisas, mas o que fazemos se não é disso que trata o nosso trabalho? E se este país não for tão importante para nós e simplesmente não nos identificarmos com ele?

Como pessoa política, posso relacionar-me com Israel/Palestina da mesma forma que faria com qualquer outro país onde conheço pessoas que me são próximas. O país não é mais uma abstração, tem rostos humanos. Como romancista tento ser meticoloso com a minha linguagem – as palavras que dou aos meus personagens são cuidadosamente escolhidas.

Os acontecimentos do romance não são coisas que você mesmo vivenciou, mas há aspectos do livro que são claramente autobiográficos... o que foi que lhe atraiu na mistura do biográfico com o ficcional?

Salzmann: Estou interessado na ficção autobiográfica como forma. Então, peguei algumas partes da minha própria história e da história da minha família, e o resto eu inventei. Pesquisei mitos familiares e fotografias antigas de pessoas que ninguém da minha família conseguia identificar.

Como a memória é o tema do meu romance, achei importante essa conexão. Minha carreira no teatro também me ensinou que, de qualquer maneira, tudo pode ser atribuído ao meu corpo e à minha biografia, então descrevi a aparência de Ali como a minha. Para brincar com isso.

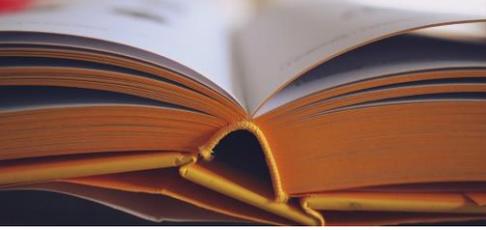
Você frequentemente faz uso de metáforas e comparações. Há uma comparação particularmente bonita entre um minarete com muitos microfones pendurados e um "ramo de rosa com espinhos". Foi especialmente a sua estadia em Istambul que o inspirou a pensar e escrever em metáforas?

Salzmann: Para mim, Istambul em si funciona como uma metáfora, porque a cidade parece existir em muitos séculos ao mesmo tempo. Estou muito apaixonado por Istambul; meu primeiro impulso foi escrever uma declaração de amor. Parecia-me que ali tudo era possível e ao mesmo tempo muito difícil. A cidade é como uma grande criatura amorfa e eu fui transformado por ela. Não quero romantizar a cidade e a sua situação política, porque sei a gravidade das coisas. Mas talvez não haja outra maneira de olhar para algo que você ama.

Um século de história se desenrola na história de uma família ao longo de quatro gerações. De onde veio a ideia de descrever a experiência da fluidez de gênero como parte desta história?

Salzmann: O filósofo contemporâneo Paul B. Preciado diz sobre sua experiência com a testosterona: "A transformação de um século inteiro corre em minhas veias". Eu me senti inspirado por isso. A migração entre gêneros e países está interligada. Com "Ausser Sich" quis questionar as coisas e tentar compreender. Eu não sou cisgênero e quando estive em Istambul vivi em uma comunidade que consistia principalmente de mulheres trans. A minha visão de Istambul veio da perspectiva daquela comunidade e senti a necessidade de incluir essas mulheres na minha representação.

Tenho pensado muito sobre por que as pessoas ficam tão irritadas por haver mais de dois gêneros. Aceito que para algumas pessoas o conceito de identidade de gênero binária é uma parte enraizada da forma como vêem o mundo. Ainda assim, acho que isso é algo que precisamos negociar. Quando Simone de Beauvoir disse: "não se nasce, mas se torna mulher",



isso revolucionou o nosso pensamento. Agora chegamos à conclusão de que não é apenas a mulher, mas o próprio gênero que é uma construção.

No meu romance, tentei explorar este sentido de fluxo em todos os níveis – na língua, no gênero e nas nações. Os sistemas binários familiares com os quais crescemos estão se desintegrando. Há muito mais comunicação agora entre as chamadas minorias, fomentada pelas novas tecnologias. Mas traz à tona o medo das pessoas pelo desconhecido e isso as leva a votar nos fascistas.

Algumas pessoas leram o meu livro como uma resposta a esta mudança para a direita na Europa, porque o livro está repleto do tipo de coisas contra as quais a direita adora protestar. Mas não escrevi nada contra a direita. Não escrevi contra nada nem ninguém. Escrevi para nós, isto é, para todos aqueles que não ficaram atrás da direita, e para todos aqueles em quem acredito e que têm direito à existência e à aceitação.

A migração não mata, mas o exílio pode... No romance, a mãe Valja diz que a migração mata. Que ela diga isso é compreensível, mas também é algo com que você concordaria?

Salzmann: Tenho uma opinião diferente, mas é verdade que pode matar. Para mim, a emigração é a tentativa de sobrevivência. Acredito que as pessoas devem mudar e desenvolver-se para sobreviver e esse movimento faz parte desse desenvolvimento. Acredito que o exílio mata porque é forçado e que é preciso muita sorte e ajuda para que o processo não te mate internamente. Quando se trata de um acto voluntário, a migração pode ser algo maravilhoso – mas, como sabem, isso é algo bastante raro.